JORNAL ACADÉMICO

ARAUTO

1958
DEZEMBRO
ANO II
N.º 8

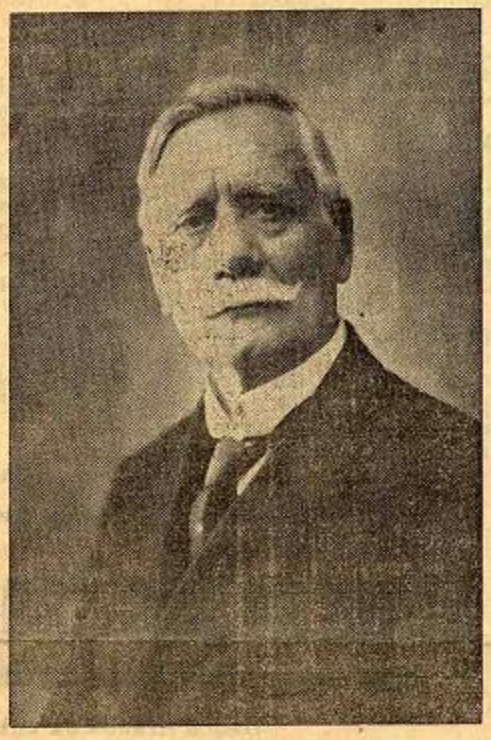
Prop. do CENTRO ESCOLAR N.º 1
Comp. e imp. na Tip. do «Correio da Horta»

EDITOR
Dr. Tomás da Rosa

REDACTORES
Henrique Barreiros e Manuel Paulino

Redacção e Administração
LICEU NACIONAL DA HORTA

Centenário de Florêncio Terra



Tinha o ARAUTO planeado para o princípio de Junho um número parcialmente dedicado ao grande contista Florêncio Terra, que foi distinto professor e Reitor deste Liceu.

Mas por motivos relacionados com a crise sísmica de Maio, não se publicaram os números correspondentes a Maio e Junho, no passado ano lectivo.

Não queria, porém, o ARAUTO deixar passar o ano do centenário do ilustre faialense sem lhe prestar a devida homenagem. Aos autores dos artigos neste número insertos, e referentes ao notável escritor e professor, pedimos desculpa da demora da publicação, pois no número anterior quisemos dar relevo ao aniversário do nosso jornal.

UM GRANDE CONTISTA

Despretenciosamente correcto e espontâneamente digno, «Florêncio Terra», tão severo consigo quão benévolo com os demais, elevou bem alto a literatura Faialense.

Na sua vida profissional — Professor e Reitor do Liceu — impôs-se pelo zelo, proficiência e dedicação que dispensava aos seus alunos. Na administração municipal foi vereador e presidente da Câmara, contribuindo para muitos dos melhoramentos, que ainda hoje apreciamos, os quais possuem ainda valoroso destaque.

Como escritor — que o foi como poucos na nossa terra — revelou bem as suas excelentes qualidades, as quais ainda hoje podemos apreciar nos seus interessantes e suaves contos, muitos deles inspirados em factos verdadeiros.

A memória deste escritor tem sido e será sempre respeitada entre a mentalidade culta Faialense, através das suas belas obras, nas quais podemos ver com bastante nitidez a sua pureza de carácter, o seu sentimento sem pieguice, a sua naturalidade, harmonia e singeleza.

Nos seus lindíssimos contos, dá-nos bem uma ideia da vida campesina das nossas ilhas, como também nos descreve as paisagens encantadoras que todas estas oferecem a quem as sabe apreciar.

Das suas obras destaca-se «Helena de Savignac» uma das suas melhores produções teatrais, que como muitas outras se perdem nas revistas e nos Jornais. Mas foi sobretudo um primoroso contista.

Coligidos e editados póstumamente, seus contos ficaram para sempre como obra de valor na literatura Portuguesa.

«Contos e Narrativas» assim se intitula a colestânea que todos os estudantes do nosso Liceu deviam ler.

Agostinho Pinheiro

Campanha CARNEIRO PACHECO

«Homem público de invulgar grandeza, estoante de entusiasmo e irradiando simpatia foi Carneiro Pacheco, um grande mestre de Direito, grande embaixador, grande Ministro e sobretudo um português de excepcional acção e inteligência.

O «Talha-Mar» abriu uma campanha, no dia 3 de Maio, que tem prosseguido sem desfalecimentos até ao presente. Pretendemos a Consagração Nacional deste Símbolo do «Homem Novo».

A nossa campanha, composta de 2 fases distintas, está em marcha. Na primeira procurámos difundir a doutrina e a Obra de Carneiro Pacheco, doutrina e obra contidas no «Portugal Renovado». Esta primeira fase está terminada ao mesmo tempo que se inicia a segunda que culminará com o descerramento do seu busto.

Para ela chamamos a tua atenção e a tua colaboração. (...)

Nesta segunda parte vais ter oportunidade de colaborar de maneira efectiva, quer na divulgação da personalidade de Carneiro Pacheco, quer na angariação de fundos, segundo planificação de que em breve terás conhecimento.

Há que fazer de cada filiado e de cada graduado um promotor sincero desta Campanha, um apóstolo fiel, um lutador e um amigo dedicado inteiramente à nossa ideia.

Em cada Centro, em cada Ala, em cada Divisão vai ser vivida ao máximo a nossa campanha, estamos certos.

O acto final desta 2.ª fase e, portanto, da nossa campanha será o descerramento dum busto do Mestre no Palácio da Independência-Casa-Mãe da Organização que ele criou para a Juventude de Portugal».

(Do jornal «Talha-Mar»)

Florêncio Terra

E' este o nome de uma das mais ilustres figuras açorianas.

Florêncio José Terra, nasceu na cidade da Horta no dia 18 de Maio de 1858. Dotado de grande inteligência, cedo cursou o Liceu e, depois de ter estudado na Escola Politécnica de Lisboa, tendo apenas 28 anos, foi nomeado professor de Ciências Naturais e mais tarde de Matemática.

A sua competência e bondade fizeram com que fosse nomeado Reitor interino do Liceu da Horta, pela primeira vez, em 1896, função que desempenhou durante pouco tempo; de 1907 a 1919 foi Reitor efectivo; no ano de 1928 voltou a ser nomeado como interino e mais tarde passou a administrar o Liceu, efectivamente.

Como escritor, Florêncio Terra deixou-nos obras de grande valor: escreveu principalmente contos regionais num estilo apurado, descrevendo as nossas tradições e costumes e empregando às vezes a linguagem do povo; deixou-nos um drama, «Luísa», escrito em colaboração com Manuel Zerbone e ainda com este escreveu «A Vingança da Noviça».

Também escreveu para o Teatro a comédia intitulada «Helena de Savignac», que foi representada no Teatro Faialense por uma companhia de actores continentais.

«Nos contos escolhidos de autores portugueses», actualmente usados nos Liceus, aparecem dois trechos seus: «A Debulha» e «Corações Simples» extraídos do seu livro «Contos e Narrativas», publicados após a sua morte.

Jornalista de grandes recursos, foi director do jornal «O Fayalense», e foi colaborador dos seguintes jornais, entre outros: «Atlântico», Grémio Literário», «Açoreano», «O Telégrafo», «Revista Literária do Século», «Jornal do Domingo», «Branco e Negro», «Instrução», «O Século» e «Ilustração Portuguesa».

Florêncio Terra foi um grande amigo dos desportos e organizava partidas de futebol entre os alunos do Liceu que nesse tempo funcionava na casa onde agora está instalada a sede da Legião Portuguesa.

Se durante a sua vida não foi mais conhecido no Continente e mesmo nos Açores foi porque quase toda a sua obra se publicou depois da sua morte, e parte dela ainda se encontra inédita.

Agora, na comemoração do 1.º centenário do seu nascimento não podíamos deixar de nos associarmos a ela, tanto mais que Florêncio Terra foi distinto aluno, Professor e Reitor deste Liceu, tendo sido sempre grande amigo da Juventude.

Em homenagem a todas as suas boas qualidades, a cidade da Horta, festejou o seu 1.º centenário, promovendo a Sociedade Literária Artista Faialense, em colaboração com o Correio da Horta um concurso literário de contos regionais.

Faleceu o notável contista nesta cidade no dia 25 de Novembro de 1941. Mas a sua memória continua bem presente no espírito de todos os que o conheceram e apreciaram o seu valor. Por isso lhe prestamos homenagem bem merecida.

José A. Aica

O INFANTE D. HENRIQUE

figura máxima da expansão portuguesa

E disto constitui testemunho evidente o conhecimento da nossa epopeia marítima. D. Henrique e a tomada de Ceuta, o primeiro com o conhecimento dos mapas que D. Pedro comprava nas suas viagens por costas genovesas, e a segunda como prova da combatividade das hostes de D. João I, deram origem a que o Portugal pequenino da península se tornasse Império, levando a civilização e a Cruz «por mares nunca dantes navegados».

Mas se o E'pico cantou em «Os Lusíadas» — esse imortal livro que sublimou um poeta e uma raça — o verso supracitado, contra os argumentos que lembram os mapas de D. Pedro, afirma que, embora aquelas cartas primitivas suponham a aventura de mares remotos a assimilar as façanhas de ousados navegadores, cruzando os mares antes de lá serem colocados os padrões lusitanos, só estes tocaram em todas as latitudes, semeando as quinas, as gloriosas Quinas, com rasgos de audácia e heroísmo inconfundíveis.

Falar do Infante D. Henrique em Portugal é enaltecer o construtor dessas parcelas do território Pátrio que se levantam nos três grandes oceanos, e no estrangeiro é evocar o

(Segue na 2.ª página)

OS AÇORIANOS e as missões do Oriente

O brasão de armas do sr. Patriarca José da Costa Nunes, actualmente Vice-Camerlengo de Sua Santidade e que foi uma das mais salientes figuras do episcopado português, apresenta um escudo com a Cruz de Cristo e em lugar principal a imagem de S. Francisco Xavier prègando. Por divisa as palavras de Cristo: «Ite et docete» — Ide e ensinai. Este simbolismo tem um sentido nacional, podemos dizer.

Todo o povo português compriu as palavras de Jesus. Desde os tempos mais remotos Portugal tem-se distinguido na Evangelização do Mundo, nomeadamente no Oriente. Recordemos a acção de de S. Francisco Xavier, o símbolo do árduo trabalho do apostolado, do sacrifício da própria vida a favor da Fé. S. Francisco evangelizou várias terras do Oriente e o seu sonho era chegar à China, mas a morte barrou-lhe o caminho e ele não pode prosseguir. Mas os missionários portugueses continuaram a sua obra. Fundaram-se as de dioceses Pequim e Macau, ambas de gloriosa história. Neste século, em Macau, elevou-se a figura de um dos maiores bispos portugueses, o sr. D. José da Costa Nunes, que conseguiu desenvolver uma grande acção religiosa e social na China, a bem da Fé e da Pátria. Como S. Ex.ª Rev.ª e muitos outros açorianos se distinguiram na China, no Japão, na India, na Indonésia, levando a esses povos do Oriente a palavra da Fé e da Esperança. Muitos deles morreram, mártires pela vitória da Cruz de Cristo e pela expansão da Fé, como o Beato João Batista Machado, natural da Terceira e que foi martirizado no Japão. Também não podemos esquecer a acção do Padre Francisco Furtado de Mendonça, faialense cuja obra se desenrolou no Japão vindo ele a falecer em Macau.

Os anos têm decorrido, mas a batalha pelo triunfo da civilização cristã continua, tendo sempre como colaboradores no Oriente missionários açorianos. D. Frei Bernardo de Sousa Enes bispo de Macau no século passado, era natural de S. Jorge, D. João Paulino de Azevedo e Castro, também bispo de Macau era das Lajes do Pico; do Pico é também D. José da Costa Nunes, alta glória de Portugal e da Igreja, bem como D. José Vieira Alvernaz, venerando patriarca das Indias. A' longinqua província de Timor a obra dos nossos missionários também tem chegado. Lá trabalham presentemente os missionários: P.e Manuel Silveira Moniz, dos Cedros; P.e José Pereira da Silva Brum (Ribeiras); dois terceirenses que também se tem distinguido e levado a palavra de Cristo até Timor, o P.e Carlos da Rocha Pereira e o P.e Ezequiel Pascoal. Em Macau a obra também tem sido de elevado mérito, e lá exerceu o seu apostolado o P.e Barcelos Mendes, da Terceira, o cónego Nunes da Costa, da Candelária, Pico; P.e Arquimínio da Costa, de São Mateus. Lá trabalhou também o Dr. Manuel da Costa Nunes que, depois prestou relevante serviço em Goa e Moçambique: P.e Aureo da Costa Nunes e Castro, distinto músico picoense que se encontra em Lisboa no Conservatório Nacional; o notável poeta e professor Mons. Machado Lourenço, o Cónego Raúl Camacho, o P.e Mateus das Neves. Em Goa trabalha outro conterrâneo nosso, P.e José Maria das Neves.

Presentemente em Moçambique dedica-se às missões o P.e Serafim Amaral, natural da Feteira, que se distinguiu na China em obras de assistência aos sinistrados da guerra. Outro missionário que também exerceu apostolado em Macau foi o P.e José Maria Fernandes já falecido. A obra da evangelização tem custado grandes sacrifícios, por vezes muitos contratempos tem surgido, mas os nossos missionários não desistiram nem desistem.

A vida missionária é muito trabalhosa e árdua, mas também tem momentos de inefável consolação. Felizes daqueles a quem Deus escolheu para serem os mensageiros da verdade! São dignos de uma homenagem estes e outros missionários açorianos que no Oriente tem dado o seu preciso concurso à grande obra da evangelização, que tem feito a grandeza de Portugal no Ultramar.

Cecília Terra

INFANTE D. HENRIQUE

(Conclusão da 1.ª página)

nome do propulsor da civilização «que ao mundo deu novos mundos», lembrar o maior esforço empreendido para o estado actual do Globo.

Das decisões tomadas na fria e húmida ponta de Sagres, fora do ambiente fidalgo e materno da corte, nasceu o Ultramar. E os navegadores que de face rígida e espada à cinta saíam oceano fora à sombra da cruz das velas, na maior parte de vezes, não fizeram mais do que reconhecer terras citadas pelo príncipe e nelas colocarem em pequenos monumentos que ainda hoje atestam, frente ao vento e às tempestades, o férreo braço da gente lusa, as armas do Rei seu senhor — o selo de Portugal.

Navegando cientificamente eles procuraram uma meta marcada. A existência de outros mundos, vista através dos mapas e das viagens de Marco Polo foi um genovês que viajou por quase todo o mundo antigo, tomando conhecimento de reinos ignorados, principalmente do lendário Oriente, em estudos demorados e sábios à mesa de D. Henrique na frente dos maiores entendidos da Europa, é a certeza de que em Portugal floresciam os mais amplos conhecimentos de náutica de então. Para isso foi necessário o esforço do filho do soberano que nos garantiu a independência, D. Henrique, que foi a máxima figura da expansão portuguesa.

Ao comemorar-se a Semana do Ultramar, nenhuma outra figura da nossa história deve ser tão salientada como o Navegador, de cuja morte se celebrará brevemente o quinto centenário.

E se hoje, como outrora, os poetas e prosadores cantam a grandeza dos feitos dos mestres de Sagres, não menos sol dão à obra de D. Henrique — porque a ele se deve o Portugal Império, e a propagação da LUSITANIDADE E CRISTANDADE.

Manuel S. M. Leal

Adaptação de um conto de D. João da Câmara

O Conde vivia pobremente num castelo arruinado e desprezado. Mas este castelo não foi sempre assim, já tinha conhecido dias de grandeza, a que o desleixo do fidalgo tinha posto fim. De ano para ano o seu estado piorava, à medida que o proprietário empobrecia, chegando ao ponto de o criado, no Inverno, arrancar as tábuas do soalho para aquecer o ambiente. A única coisa que restava dos velhos tempos de fortuna eram os livros. O Conde tinha uma biblioteca muito boa e passava o tempo lendo, sem dar pela miséria em que caíra.

Aos domingos depois da Missa, ele mandava o José ir dar alguma coisa aos pobres trabalhadores, como dantes fazia, e não reparava que já nada lhe restava para dar e que eram os pobres que lhe davam a ele do seu pouco.

O filho do Fidalgo tinha ido para o Brasil à procura de fortuna com que pudesse restaurar o castelo e melhorar a vida do pai e a sua. Um dia escreveu ao pai a dizer que no primeiro paquete lhe mandaria dinheiro.

O Conde e o criado ficaram muito contentes, mas como não sabiam o que queria dizer o vocábulo procuraram no dicionário. Este, porém, de tão velho que era já não possuia essa palavra que as traças tinham ruido.

Mas os dias passaram e não vinha o dinheiro. As tábuas do soalho acabaram-se, e como continuasse a fazer muito frio, tiveram de queimar os livros, procurando sempre poupar aquele de que o fidalgo gostava, o Suetónio.

Tempos depois chegou uma carta. Ficaram muito contentes, pensando que dava notícias do paquete. Porém a notícia que a carta trazia não era alegre: participava o falecimento do filho do fidalgo. Nessa altura o velho Conde sentiu até que ponto ia a sua desgraça e reconheceu que necessitava de ajuda daqueles que ele tinha sempre protegido. E, como continuava o frio, acabou por queimar o Suetónio.

Maria Luísa Macedo

As Férias

Nem sequer as máquinas tem a possibilidade de trabalhar, continuamente quanto mais nós!...

Qualquer máquina, qualquer motor, tem de ser lubrificado, reparado, o que implica pelo menos, um verdadeiro período de repouso... de férias...

Também nós necessitamos de repousar, necessitamos de ter férias. O objectivo das férias deve ser de renovação de forças e das faculdades de aplicação para se retomarem em seguida os estudos com afinco e sinceridade.

Não há dúvida que as férias são para descançar; não são, de modo algum para que nós, os estudantes, nos fatiguemos em demasia.

Compreende-se que ponhamos de parte, durante as férias, o estudo aturado das lições, e até o devemos fazer porque se aluno estudou durante o ano lectivo, merece e deve repousar nas férias, se não trabalhou durante o tempo de aulas, não oferece garantias sólidas de que estude, proveitosamente, durante as férias.

Mas uma coisa é descansar nas férias e outra é passá-las em movimento, agitação e distrações, assim não será descanso, senão uma fadiga suplementar.

Nem tal fadiga é aconselhável para entrar no segundo período para defrontar mais uma étape, cerca de de três meses, aproximadamente.

Como as férias são para descanso, são tão ambicionadas e tão faladas, que quase desde o primeiro dia de aulas nós, estudantes, começamos a fazer projectos e o programa diário para se ter umas verdadeiras férias: felizes, alegres, calmas e tranquilas, que até parece que as gozamos antes do tempo!...

Mas para que as férias sejam realmente proveitosas, é preciso não substituir o trabalho escolar por outras actividades dispersivas e imprudentes, que às vezes até deseducam e são mais fatigantes que o próprio estudo.

Victor Pereira

Erupção dos Capelinhos

Dados tirados de entrevistas e artigos sobre a erupção

No dia 25 de Out. de 958 a actividade do vulcão dos Capelinhos parece ter cessado, tendo como indícios da erupção recente a emissão de fumos brancos devidos ao arrefecimentos das lavas.

Segundo parece, deve-se considerar esta erupção terminada, mas não o vulcão extinto, o que acontece com todos os vulcões açorianos.

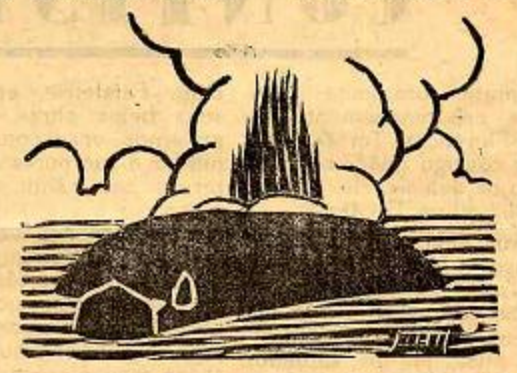
Farei agora um breve resumo acerca desta erupção.

No dia 27 de Set. de 957 verificou-se ao largo do farol dos Capelinhos a emissão de fumos brancos e de pequenas agulhas de cinzas; de dia para dia a intensidade das explosões aumentou chegando a atingir a alt. de 800 m. A 16 de Dez. de 957 as características da erupção modificavam-se, e pela primeira vez se observou uma corrente de lava; mas este regime durou pouco tempo, apenas um ou dois dias, recomeçando as explosões de cinzas que atingiram em 18 de Março a espantosa altura de 1.800 m.

A erupção continuou com fases alternadas de cinzas e de lava.

Nos meses de Maio a Outubro predominou a fase efusiva, tendo-se admirado lindas explosões de lava incandescente e as correntes da lava sobre o extenso areal, chegando mesmo uma a correr junto à falésia, onde se ergue o meio desmantelado farol dos Capelinhos.

Além do flagelo do vulcão para a freguesia do Capelo, veio juntar-se-lhe a dos sismos que destruiu totalmente as freguesias da Praia do Norte e Ribeira do Cabo, contribuindo totalmente para o aumento de sinistrados no Faial.



Assim como desde de 1672 (1) não se verificou outro vulcão no mesmo lugar, é natural que só daqui a III secs, haverá nova erupção.

(1) A erupção de 1672 no Capelo teve como principal centro de emissão o actual cabeço do Fogo.

Carlos Machado

COMEMORAÇÕES DO 1.º DE DEZEMBRO

Os nossos Delegado Provincial e Director de Centro estiveram connosco

A M. P. venceu quatro das cinco modalidades disputadas

No passado dia 1 de Dezembro, com início pelas 14 horas, tiveram lugar no recinto de jogos do Sporting Club da Horta, as comemorações desportivas do Dia da Mocidade Portuguesa.

Assistiram a estas comemorações o Ex.mo Sr. Dr. Manuel Alexandre Madruga, nosso digno Delegado Provincial e o Ex.mo Sr. Dr. Laurindo José da Costa, Director do nosso Centro e digno Reitor do Liceu.

A abrir as comemorações realizou-se um desfile de todos os desportistas que nesse dia representaram o Centro Escolar N.º 1. Era portador da bandeira da Organização o Comandante do Centro, C. B. Tomás Horta.

Aos dirigentes presentes foram prestadas as devidas honras com a bandeira.

Nesta mesma altura, os desportistas faialenses que defrontaram os filiados do nosso Centro, entraram no recinto oferecendo um ramo de flores como recordação do dia.

Em seguida deu-se início aos jogos, que se realizaram pela ordem seguinte e aos quais fazemos as devidas referências.

VOLEIBOL

A M. P. venceu por 2-0 (15-7 15-7)

Ganhou a equipa mais bem preparada

Constituição das equipas:

Grupo dos antigos estudantes — Carvalho; Dutra; John; J. Terra; Franklin e H. Serpa.

C. E. 1 — Leonildo; J. Augusto; H. Porto; M. Simas; H. Barreiros; V. Pereira e Germano.

Notou-se neste encontro um certo desnível, não dizemos já das possibilidades das duas equipas, mas do jogo desenvolvido por ambas.

Assim na equipa dos antigos estudantes, além de Carvalho que ainda mostra que foi bom jogador da modalidade, todos os restantes denunciaram grande falta de treinos e de integração no Voleibol.

Pelo contrário na equipa da M. P. apesar de não haver valores individuais a distinguir, têm todos aptidões para a modalidade tendo-se notado uma preocupação de acertar, de cada um fazer o que lhe competia. A equipa jogou com a clássica formação de três passadores (M. Simas, H. Porto e Leonildo) e três puxadores (H. Barreiros, J. Augusto e V. Pereira). As jogadas caracterizaram pelos três passes fundamentais: recepção por um defesa que a entregava ao avançado passador, passagem deste ao respectivo rematador e, finalmente, remate da parte deste.

Oxalá se prolongue este interesse para o Voleibol, que com este jogo, o nosso Centro tentou levantar e engrandecer.

OQUEI EM PATINS

A M. P. venceu por 1-0

Ganhou a equipa mais habilidosa

Constituição das equipas:

Antigos estudantes — M. Humberto; Machado; R. Amaral, H. Santos e Serpa.

C. E. 1 — Gaspar; T. Alberto; E. Garcia; H. Porto; M. Garcia e J. Pinto.

O único golo da partida foi obtido no primeiro minuto da 2.ª parte por Helder Porto num remate imparável a concluir um passe a meia altura vindo do canto.

A vitória do C. E. 1 nesta modalidade justifica-se por a sua equipa representativa ter empregado um sistema de jogo particularmente eficiente e produtivo, defendendo-se em quadrado e atacando em fugidas rápidas e oportunas e por vezes em jogadas bem delineadas.

Foi também factor importante o apoio moral dado pelo guardião Gaspar que apesar de estar há quatro anos afastado do oquei patinado, mostrou bem as suas reais qualidades para o lugar.

Do grupo adversário não há nomes a distinguir, no entanto consideramos que jogaram abaixo das suas possibilidades.

A arbitragem deste encontro esteve a cargo do conhecido desportista faialense Fernando Reis. Competência, imparcialidade e «pulso» definem o seu trabalho.

ANDEBOL DE SETE

A M. P. ganhou por 5-3

Venceu o grupo mais homogéneo

Constituição das equipas:

Antigos estudantes — Capaz; J. Terra; A. Gonçalves J. Nazaré; M. Humberto; R. Lima e Raposo.

C. E. 1 — J. Cardoso; M. Maria; Gaspar; H. Barreiros; E. Botelho, V. Pereira; V. Pinheiro; M. Gomes e H. Porto.

Foi a seguinte a marcha do resultado:

1.ª parte — 2-1 favorável ao C. E. 1.

1-0-2m — E. Botelho
2-0-4m — H. Barreiros
2-1-9m — M. Humberto
2.ª parte: 3-2
2-2-2m — A. Gonçalves
3-2-2m 10s — H. Barreiros
4-2-3m 45s — V. Pereira
4-3-4m 30s - R. Lima
5-3-9m — V. Pereira

Depois do Oquei em Patins deve ter sido o Andebol o jogo mais animado e que mais interesse despertou ao longo de todo o seu decurso.

Os filiados da M. P. jogaram bem contra o forte conjunto apresentado pelos adversários. Na nossa opinião era mesmo o melhor grupo de Andebol que se podia fazer dos restantes desportistas faialenses. Contudo esta equipa jogou sem o médio e defesas tomarem parte nas avançadas nem «alimentarem» convenientemente a linha dianteira. Era uma equipa individualmente boa mas onde o conjunto pouca atenção mereceu aos seus componentes.

No grupo do C. E. 1 notou-se mais uma preocupação de jogar em comum. No entanto o médio Gaspar preocupando-se quase exclusivamente com a defesa, por vezes não correspondeu ao que dele exigiam os avançados. Na maior parte das vezes foi o defesa H. Barreiros que iniciava e apoiava os dianteiros.

A defesa do C. E. 1 em certas ocasiões usou da dureza para repelir os ataques adversários, notando-se duas cargas de Gaspar à margem da lei que julgamos não foram devidamente punidas pelo árbitro.

A diferença por uma bola era quanto a nós o resultado mais lógico.

Nos antigos estudantes não fazemos referência especial a nenhum, no entanto como já frisámos são de notar as suas qualidades individuais.

Na equipa da M. P. todos cumpriram, merecendo referência o guarda-redes Cardoso com possibilidades para ser um bom guardião de Andebol.

Futebol de Salão

A M. P. ganhou por 4-3

Venceram os que mais se preocuparam em jogar Futebol de Salão

Constituição das equipas:

Antigos estudantes — Dutra; R. Amaral; J. Nazaré; R. Lima e H. Serpa.

C. E. 1 — H. Barreiros; M. Simas; Gaspar; H. Porto; V. Pinheiro e V. Pereira.

Marcadores:

1.ª parte—3-0 para os académicos

2m 1-0—V. Pinheiro
4m 11s 2-0—M. Simas
6m 25s 3-0—M. Simas
2.ª parte — 1-3
2m 3-1—H. Serpa
5m 15s 4-1—V. Pinheiro
5m 40s 4-2—H. Serpa
7m 4-3—R. Lima

Nesta modalidade notou-se pouco entusiasmo. Parte do grupo dos antigos estudantes estava pouco integrado no Futebol de Salão provocando por isso jogadas de pouco brilho.

Podemos também dizer que no resultado tiveram muita influência os guarda-redes. Dutra foi infeliz, exibindo-se em plano muito modesto, sendo culpado em alguns golos. H. Barreiros por seu lado, jogando à base da colocação, pareceu-nos estar a jogar com certa apatia, não se fazendo às bolas que a sua colocação não conseguia evitar.

Destacamos R. Lima e R. Amaral nos vencidos e V. Pinheiro e Gaspar nos vencedores e consideramos mesmo estes jogadores como os típicos de Futebol de Salão, com os quais constituiríamos uma selecção entre os nossos desportistas, se para tal fossemos indicados.

BASQUETEBOL

Os antigos venceram por 14-6

Venceu a melhor equipa

Constituição das equipas:

Antigos estudantes — Capaz; A. Gonçalves; R. Lima; Sebastião; John; Carvalho e Franklin.

C. E. 1 — H. Barreiros; M. Gomes; V. Pereira; V. Pinheiro; J. Neves; H. Porto e M. Garcia.

Marcadores:

1.ª parte
2m—A. Gonçalves (2)
2m 15s—R. Lima (2)
4m—V. Pereira (2)
6m—V. Pinheiro (2)
9m 30s—V. Pinheiro (1-1)
2.ª parte
2m—R. Lima (2)
3m—R. Lima (2)
3m 30s—C. Capaz (2)
4m 30s—R. Lima (2)
7m 40s—R. Lima (2)

Este jogo apesar de ser disputado por desportistas que já tinham realizado vários encontros, decorreu com muito interesse e velocidade.

Da parte dos antigos estudantes notou-se que entraram em campo verdadeiramente dispostos a vencer custasse o que custasse, pois era esta a última oportunidade que tinham para conseguirem uma vitória durante o festival.

Apresentando uma forte e produtiva equipa, os antigos estudantes conseguiram o seu intento devido à rapidez com que jogaram toda a partida, desorientando o grupo da M. P. que tendo um sistema defensivo organizado e pre-estabelecido com o fim de anular a excelente linha dianteira adversária (R. Lima, John e Sebastião), não conseguiu organizar-se devidamente a não ser num curto período do final da 1.ª parte.

O resultado foi absolutamente justo, premiando assim a melhor equipa.

A M. P. é possuidora de um grupo onde se encontram algumas esperanças que poderão marcar lugar de destaque no Basquetebol. A equipa tem valor, precisando apenas de uma maior solidez no conjunto. H. Barreiros a jogar na posição de médio não conseguiu ser o elo desejado entre a defesa e o ataque.

Nos adversários salientamos o já bem conhecido poder de lançamento de R. Lima que foi o melhor marcador da partida. Note-se que o defesa que se lhe opunha, V. Pereira, não lhe deu a réplica necessária.

E assim terminou o festival desportivo comemorativo do dia da M. P. de 1958.

Temos uma referência muito especial a fazer a tão feliz iniciativa dos nossos rapazes. Eles quiseram apresentar públicamente as suas melhores equipas em todas as modalidades que praticam e organizaram o festival que acabamos de descrever, apenas com o auxílio da sua boa vontade, que muito já tem feito.

Foram eles que formaram e prepararam as linhas e tomaram a seu cargo toda a organização do festival.

O ARAUTO cumprimenta e felicita a Secção Desportiva do nosso Centro, na pessoa do Comandante de Centro, Tomás Horta.

Entrevista Relâmpago

Como no jogo de Voleibol tivéssemos notado uma certa indecisão e receio da parte de Germano, procurá-mo-lo a fim de sabermos o que lhe provocara aquele complexo.

Posto ao corrente do que nos levava até ele, o Germano respondeu-nos, um pouco a medo:

—Pois sabem vocês eu... eu... eu nunca tinha jogado diante de tanta gente!!!

O «ARAUTO» pelo Desporto e pela Educação Física

São assim os Estudantes...

(Reservado o direito de admissão nesta página)

Agência de Casamentos

Já não é de agora!

Os alunos do nosso Liceu sempre atentos a todos os acontecimentos de importância no nosso meio académico lembraram-se de que a conhecida «Pastelaria Ideal» deveria passar a chamar-se «Pastelaria do Amor!!!...»

A' procura dum guarda-costas?

Soubemos particularmente que certa menina se interessa bastante por saber se o namoro do MM já acabou.

Desconhecemos as razões de tal interesse mas calculámos que o seu coração deve andar com um número anormal de pulsações sendo o MM o «médico» que ela anseia para lhe dar uma cura completa.

Contudo a secção de espionagem deste jornal poder-lhe-à prestar a informação desejada.

(Cá para nós, achamos sensato que a dita menina «consulte» outro «médico»)!!

Uma vida para dois!

Parece que John Bettencourt desistiu da rodagem do filme que noticiámos no último jornal!

Ao que parece o dito actor tem andado em discussão com F. Virgílio porque ambos desejam ser protagonistos numa nova «realização»!!!

A questão foi começar!

O Pinto informou-nos que já deixou o «negócio» que tinha na Avenida e ao qual fizemos referência no último número.

Tomou outro rumo!

Nem só de futebol vive o homem

Se não sabiam ficam sabendo que a Fatiminha esteve algum tempo «inactiva» porque o sujeito andou em vários «concursos».

No entanto encontra-se já despachado e muito em breve teremos o prazer de ver mais um banco do Largo do Infante ocupado!

Quem tudo quer...

Acaso saberão informar-nos se o curso do Magistério Primário tem equivalência à Marinha?

Fazemos esta pergunta porque nos consta que uma aluna da Normal, pretende ingressar na guarnição da nossa Armada!

O caso surpreendeu-nos porque a pequena tinha ideias tão «altas e exclusivas»... pois tencionou ir para a Aviação e não ligava a ninguém!!!

Quando o coração manda!

O Jaime Tavares disse-nos há tempos que gostava muito desta vida. achava tudo muito bom, só o Liceu lhe apresentava um grande defeito — não ser em St.º António do Pico.

Compreendemos perfeitamente o anseio do rapaz pois era o coração que lhe impunha aquele desejo intenso.

"Coração ingrato"!

Todos os alunos do nosso Liceu nos têm procurado a fim de saberem quando será publicado o segundo volume do romance «Anita e o seu D. Juan» cujo primeiro volume se esgotou por completo.

Reina no nosso meio académico viva curiosidade em conhecer o desfecho desta «obra» tão inesperadamente interrompida e que foca um caso tão pitoresco e palpitante.

Resolução oportuna

A altura era o problema que mais preocupava o Victor Mendonça! Ela crescia e desenvolvia-se assustadoramente e o Victor começou a medir as consequências que isso poderia ter mais tarde!

Dispôs-se a resolver o caso e ei-lo que até parece que comeu peixe-espada durante as férias todas!!!

NOTA — Particularmente soubemos que a Maria Emília andava também interessada em conhecer o remédio para recomendar a certo cavaleiro de S. Jorge que ela conhece de «gingeira» e que precisa muito dele.

Artista em foco

Depois de ter filmado a sensacional película «João Ratão» rodada nos estúdios albicastrenses, o nosso estimado colega Elias da Rosa recebeu contrato para seguir para Hollywood a fim de ser protagonista nalguns filmes de relevo. Isto prova a merecida divulgação que já tiveram os seus «excepcionais» dotes para a Arte de Talma.

A quarta página do ARAUTO cumprimenta o nóvel artista desejando-lhe muitas felicicidades no desempenho das suas próximas realizações: «Revolta na plateia», «Quem está mal que se mude», «Uma espiga de duas horas» e «Mal empregado dinheirinho!!!»

AVISO

Há pouco tempo tivemos o prazer de saber que a Rosalina também tratou da vida aceitando o...! Prudência! Isto é apenas um pequeno aviso para os importunos admiradores daquela «vedeta» perderem as «peneiras»!!!

Concurso de "Polidores de Calçada"

1.º Classificado

«HELDER PORTO»

Cumprimentamos o justíssimo vencedor deste concurso realizado entre os nossos Veteranos.

OS JUNIORES também jogam!

O José Aica entrou em acção!

Se desejarem qualquer outra ilucidação para o acontecimento visitem as imediações do Dispensário!

O Faria conseguiu «fintar» o irmão e lá arranjou também a sua «rapazinha»!

O pior é quando tem de sair para falar com ela e o mano está em casa!

O R. Simões já actua com certa calma apesar do «zaragateiro» séquito de que ela vem sempre acompanhada!

Em breve o Simões fará o «jogo de passagem»! Vejamos se será «Capaz»!!

O Tomás Alberto só nos diz: dali não saio!

Há pouco tempo passando fora da explicação, vimo-lo com ela e ele parecia mesmo pouco disposto a sair de lá!!

Certo e determinado quartanista (que já fuma de cachimbo) estava em vias de «tomar posse»!

No entanto como não se resolvia, ela que não podia estar a perder tempo julgou prudente pensar noutro cavalheiro mais decisivo!

BODE!

Já devem ter ouvido falar no «bode» da Estelinha. Foi coisa de respeito! Por pouco o Manecas não levou uma daquelas «taponas» à moda de St.ª Luzia!!!

Na aula do 7.º ano quase que se dava uma inundação motivada pela «aguaceira» que a Estelinha provocou.

Ela chorava, chorava e na aula só se ouvia a malta: «Coitadinha, a nossa menina!»

Mas o caso não terminou pois a «menina mimosa» pensa processar o Manecas junto do «Supremo Tribunal da Injustiça da MALTA».

Entrevistando o «novo» decano dos estudantes do Liceu da Horta

Fernando Virgílio

conhecido galã do nosso meio académico

● *Há quanto tempo frequentas este estabelecimento?*

—Segundo reza a carcomida caderneta, já lá vão nove anos!

● *Gostas desta vida? Como a defines?*

—Não é má... compreendem! Os estudantes têm mais saída.

Comparo-a a um Boletim Meteorológico: tempo agradável, contudo com aguaceiros frequentes e sujeita a trovoada... (no fim do ano)!

● *Relata-nos um «enrascanço» e uma alegria por que tenhas passado.*

—Enrascanço: *—aldrabice na aula de Inglês e respectiva falta, que transpunha o limite legal e me conduzia a chumbo certo.*

Alegria *—anulação da mesma.*

● *Baseando-te nos teus vastos conhecimentos em «estudar a maneira de não estudar» qual a táctica que nos aconselhas para passar um ano?*

—Montar uma fábrica de queijos!!

● *De todas as matérias que tens estudado qual é a melhor e a pior para ti?*

—Quanto à melhor não consigo apresentar-vos nenhuma e quanto à pior, como não consigo encontrar uma única, prefiro não concretizar esta resposta porque isso ocuparia muito espaço!

● *Que definição de PROFESSOR nos apresentas?*

—Chauffer que muitas vezes durante o ano atropela o «infeliz» peão (aluno) deixando-o entre a vida e a morte.

● *Dize-nos todas as medidas que tomarias se fosses nomeado Reitor do nosso Liceu.*

—Primeiramente formaria uma «Agência de Casamentos».

Punha ao dispôr dos alunos pílulas para as frequentíssimas «dores de barriga».

Reformaria o sistema de nos sentarmos em duras carteiras, que seriam substituídas por confortáveis poltronas.

Finalmente adquiriria alguns dominós para a malta aproveitar o tempo nas aulas (a Batalha Naval já está muito vista)!

● *A respeito de raparigas, que pensas delas?*

—Têm uma grande qualidade: —a de não nos deixarem enferrujar o coração!!

● *Como entendido no assunto, dá-nos o teu parecer sobre este problema que atormenta muitos dos nossos colegas: — a maneira de elas «caírem» sempre.*

—Não as contrariar.

● *O que julgas que as raparigas pensam de ti?*

—Ora o que é que haviam de pensar!!!... Pensam que já estou muito visto!!!

● *Quais os principais predicados que encontras na nossa MALTA?*

—Malta fixe!... praticante ferverosa do nosso 1.º mandamento!!!

MELOA

Conhecem a história de certo papagaio que tendo ido à cozinha roubar toucinho levou com uma cafeteira de água quente e ficou careca?

Em face desta história ficámos sem saber se o Azevedo «foi ao toucinho» ou se realmente se dispôs «armar» em Yul Brynner. «Planta», não lhe falta mos a «meloa» estraga-lha!!

????

—Qual a quartanista que deseja fixar residência no Cais do Pico?

—Qual é o aluno do 7.º ano que anda a praticar para sinaleiro?

—Quem foi o valente que conseguiu ir a casa da sogra?

—Qual é o rei do «Cinema aos Copos» no nosso Liceu?

Respostas célebres

NO 7.º ANO

Aula de C. Naturais

Professor — Diga-me lá o que é ou como é o pâncreas do porco.

M. Maria — O pâncreas do porco é... é o fígado!

Professor — O fígado?!!!

M. Maria — Sim. Fica lá perto!!!

Quadra do fim do período

Ora vejam meus senhores
A história que vos vou contar:
— As meninas do 6.º ano
Estavam na aula a chorar!